



INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA ESCRITA DO SURDO

PSYCHOPEDAGOGICAL INTERVENTION IN THE WRITING OF THE DEAF

Anny Wanneska Loureiro Brás¹
Universidade Estadual Vale do Acaraú

Marisa Pascarelli Agrello²
Universidade Estadual Vale do Acaraú

Resumo: Nossa experiência com a Psicopedagogia nos proporcionou encontros com alunos surdos que apresentavam dificuldades na escrita da Língua Portuguesa e na compreensão leitora da língua. Essa problemática consiste na dificuldade da elaboração de um discurso escrito, pois, a forma como os surdos escrevem não está bem articulada de acordo com a estrutura gramatical da Língua Portuguesa, visto que sua primeira língua é a língua de sinais, pois para os surdos a aquisição da escrita, representa a alfabetização e letramento de uma segunda língua com diferenças fonológicas, morfológicas e sintáticas, por isso apresentam ‘irregularidades’ na escrita, visto que essas ‘irregularidades’ coincidem com construções próprias de sua primeira língua, a língua de sinais. É de suma importância entender as especificidades do processo de aprendizagem da escrita do surdo de nosso país, pois esses alunos estão inseridos em instituições escolares em que muitas vezes seus professores e gestores desconhecem suas especificidades o que dificultam pensar em propor alternativas que melhorem a prática pedagógica, favorecendo um aprendizado efetivo para que o surdo possa aprender os demais conteúdos acadêmicos que chegam para eles através da escrita da língua portuguesa. Para tanto faz-se necessário a figura do Psicopedagogo para mediar relações e o processo de escrita do surdo através de suas técnicas avaliativas e interventivas. Subsídios teóricos em Beyer (2004), Carnio, Couto e Lichtig (2000), Fernandes (1999, 2000), Goldfeld (2002), Kozlowski (2000) e Quadros (1997) que, associados a outros adquiridos por experiências e em fontes bibliográficas que possibilitaram a reflexão sobre a problemática do processo de aquisição da escrita do surdo.

Palavras-chaves: Aquisição da escrita, ensino, aprendizagem e mediação.

Abstract: Our experience with Psychopedagogy provided us with meetings with deaf students who presented difficulties in writing the Portuguese language and in the reading comprehension of the language. This problem consists in the difficulty of elaborating a written discourse, because the way the deaf write is not well articulated according to the grammatical structure of the Portuguese Language, since its first language is the sign language, since for the deaf the Acquisition of writing, represents the literacy and literacy of a second language with

¹ Anny Wanneska Loureiro Brás - Mestranda em Ciências da Educação (INTA - LUSÓFONA). Professora do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Licenciada em Pedagogia e Matemática (UVA), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE), Atua como Psicopedagoga Clínica e Coordenadora Pedagógica da Escola de Ensino Fundamental II Neusa de Freitas Sá – Euzébio – CE. E-mail: annyloureirobr@gmail.com

² Marisa Pascarelli Agrello - Doutora em Ciências da Educação na Universidade de Trás - os - Montes - Alto – Douro. Pedagoga, Psicopedagoga, Psicomotricista, Especialista em EaD e Mestre em Educação. E-mail: marisagrello@gmail.com

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

phonological, morphological and syntactic differences, so they present 'irregularities' in writing, since these 'irregularities' coincide with constructions proper to their first language, sign language. It is extremely important to understand the specificities of the learning process of the writing of the deaf of our country, since these students are inserted in school institutions in which their teachers and managers are often unaware of their specificities, which makes it difficult to think of proposing alternatives that improve pedagogical practice, favoring an effective learning so that the deaf can learn the other academic contents that arrive for them through the writing of the Portuguese language. In order to do so, it is necessary the figure of the Psychopedagogue to mediate relations and the process of writing of the deaf through its evaluative and intervention techniques. Theoretical subsidies in Beyer (2004), Carnio, Couto and Lichtig (2000), Fernandes (1999, 2000), Goldfeld (2002), Kozlowski (2000) and Quadros (1997), associated with others acquired by experiences and bibliographical sources which allowed the reflection on the problematic of the process of acquisition of the deaf writing.

Keywords: Acquisition of writing, teaching, learning and mediation.

1 INTRODUÇÃO

A experiência com a atuação psicopedagógica e a educação formal de surdos, nos possibilitou perceber as dificuldades que esses alunos enfrentam no que se refere à aprendizagem da língua portuguesa, especificamente, na escrita. Partindo de estudos, de pesquisas e de nossas vivências profissionais é que propomos a elaborar esse trabalho suscitando a importância da avaliação e intervenção da Psicopedagogia no processo de mediação entre a língua portuguesa escrita, aluno e professor. Essa problemática consiste na dificuldade da elaboração de um discurso escrito, pois, a forma como os surdos escrevem não está bem articulada de acordo com a estrutura gramatical da Língua Portuguesa escrita visto que sua primeira língua é a Língua de Sinais, pois para os surdos a aquisição da escrita, representa a alfabetização e letramento de uma segunda língua com diferenças fonológicas, morfológicas e sintáticas, por isso apresentam diferenças na escrita, visto que essas coincidem com construções próprias de sua primeira língua, a língua de sinais.

É de suma importância considerar as especificidades do processo de aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa, especialmente as dificuldades que marcam o processo de ensino da pessoa surda, visto que, este é um sujeito bilíngue e bicultural. O Bilinguismo defende que ambas as línguas, (a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa), sejam consideradas para os surdos diglossicamente, sem que uma prejudique a outra. Baseando-se em técnicas de ensino de segunda língua o Ensino da

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Língua Portuguesa deverá ser ministrada enfatizando a escrita, considerando que o canal de aprendizagem do aluno surdo é o visual podendo este ter acesso ao processo de aprendizagem, desenvolvendo-se linguística e cognitivamente sem prejuízos na linguagem.

A Educação Bilíngue para Surdos percebe as línguas de sinais como línguas naturais das Comunidades Surdas, esta Filosofia Educacional traz a proposta de que esses alunos Surdos devem ser ensinados através de sua língua materna e que estas seriam a base para o aprendizado da língua oral de seu país.

O Bilinguismo defende que ambas as línguas, (a língua de sinais e a língua oral), sejam consideradas para os surdos diglossicamente, sem que uma prejudique a outra, tendo como objetivo principal do enfoque bilíngue, que o surdo saiba comunicar-se pelas duas línguas. Acredita-se que por intermédio da língua materna do surdo (Língua de Sinais), este pode desenvolver-se linguística e cognitivamente sem enfrentar tantas dificuldades. Essa abordagem é de postura política, cultural, social, e educacional, não se resumindo apenas à aquisição de duas línguas.

A proposta Bilíngue para Surdos é definida como uma oposição às práticas características da educação e da escolarização dos surdos nas últimas décadas. Todos que compõe o estabelecimento de ensino necessitam preparar-se melhor para atender esses alunos. Esses profissionais devem utilizar de Língua de Sinais para que o aluno possa melhor aprender, percebendo que essa língua é uma língua visual podendo o aluno desenvolver através do ver, tocar, descobrir o mundo a sua volta, trazendo o meio social em que ele está inserido para as práticas de ensino.

O bilinguismo concebe o seu desenvolvimento baseando-se em técnicas de ensino de segunda língua, ou seja, o ensino da língua oral deverá ser ministrado enfatizando a escrita, considerando que o canal de aprendizagem do aluno surdo é o visual podendo este ter acesso ao processo de aprendizagem, do desenvolvimento linguístico e cognitivo. Essa técnica parte das habilidades interativas e cognitivas já adquiridas pela criança ao longo de suas experiências naturais com a Língua de Sinais. Essa é considerada como primeira língua. A língua de seu país será considerada como segunda língua.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Como um estabelecimento de ensino, a escola deve estar preparada para atender os alunos surdos, disponibilizando de professores, administradores e profissionais preparados e capacitados para adequar-se a essa realidade mostrando-se coerente ante a família do aluno e o próprio aluno.

A escola tem que estar preparada para o repasse de conteúdos para o aluno surdo incentivando os familiares a participarem, da vida escolar de seus filhos, a se engajar também nesse processo de ensino como aprender LIBRAS, (no caso de pais ouvintes não conhecedores de Língua de Sinais) e conhecer mais da Cultura Surda para haver uma melhor interação na comunicação familiar, como também um melhor incentivo, estímulo e um real apoio por parte da família para com esses alunos.

Devido às dificuldades acarretadas pelas questões de linguagem, observa-se que as crianças surdas encontram-se com dificuldades no que diz respeito à leitura e a escrita, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento aquém do esperado para sua idade. Isso advém da necessidade de elaboração de propostas educacionais que atendam às necessidades dos sujeitos surdos, favorecendo o desenvolvimento efetivo de suas capacidades.

É necessário que os profissionais percebam a importância da Língua de Sinais para o desenvolvimento do Surdo. Pois, essa é a única língua em que o surdo pode adquirir de forma espontânea, através das relações sociais e diálogos do cotidiano. A proposta Bilíngue para Surdos é definida como uma oposição às práticas características da educação e da escolarização dos surdos nas últimas décadas como a proposta oralista e da comunicação total. A Psicopedagogia, por sua vez estuda o processo de construção do conhecimento, buscando decifrar elementos que podem estar dificultando essa aprendizagem, procurando trabalhar com ferramentas e estratégias de aprendizagem que faça o indivíduo superar essas dificuldades. Inserida como fator de suma importância no processo de ensino aprendizado, o psicopedagogo, em parceria com a escola, visa disponibilizar aos professores novas técnicas metodológicas de ensino para adequar-se à realidade do aluno com surdez, assim como em relação ao seu desenvolvimento psicossocial, que é um dos grandes obstáculos para o aprendizado da Língua Portuguesa, visto que essa dificuldade pode gerar consequências negativas para

a aprendizagem que poderão ser irreversíveis no desenvolvimento, se não for oferecido o adequado acesso à aquisição de uma língua de forma natural.

2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A PSICOPEDAGOGIA

Em primeiro, há necessidade de definir a Psicopedagogia em geral que, segundo o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPp (1996), diz respeito à “área de estudo e de atuações no contexto de saúde e educação, tendo como foco o processo de aprendizagem humana”.

Segundo prescrito no Código de Ética, a Psicopedagogia diz respeito às reflexões e práticas que levam em consideração os padrões normais e patológicos, tendo em vista a influência do meio – família, escola e sociedade – e o desenvolvimento psico-sócio-educacional e físico dos aprendentes, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia.

O surgimento da psicopedagogia deu-se na segunda década do século XX, nos Estados Unidos, Europa e na França, onde foram fundados os primeiros grupos de profissionais formados por médicos, psicólogos, educadores e assistentes sociais, objetivando tratar de pessoas com transtornos de aprendizagem, com comportamentos socialmente inadequados, tanto na escola quanto no lar, buscando sua readaptação.

Observa-se que a princípio houve uma preocupação com a questão de tratamento dos problemas relacionados com os distúrbios de aprendizagem. Hoje em dia, diante da evolução dos estudos nesta área, a psicopedagogia assume um caráter bem mais amplo.

Segundo a literatura da Argentina, país onde se presencia uma grande evolução nesta área, cujos conhecimentos se intensificam no Brasil na década de 1990, a psicopedagogia, durante trinta anos, passou por várias mudanças, no sentido da afirmação e estabelecimento do seu objeto de estudo e campo de atuação. Daí surge alguns teóricos argentinos como, (Paín, 1985, Fernández, 1990, Visca, 1980, entre outros). Estes teóricos foram os primeiros a coordenar cursos de psicopedagogia em nosso país.

Portanto, no Brasil, diversos autores que tratam da questão da psicopedagogia, como Bossa (2000), Visca (1991), Weiss (1992), entre outros, enfatizam seu caráter interdisciplinar, cujo termo foi explicado por Barthes (1988), citado por Bossa (2000), como sendo aquele que consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém, mas às associações dialéticas entre dimensões polares, como por exemplo, teoria e prática; ação e reflexão; generalização e especialização; entre outras. Essa concepção se encaminha para uma busca de superação das bipartições em muitas das áreas do conhecimento, evitando assim uma visão incompleta da realidade. Dessa forma, a interdisciplinaridade contempla uma visão interativa, relacional e global da realidade.

A psicopedagogia enfatiza seu caráter interdisciplinar, uma vez que o seu quadro teórico exige uma fundamentação em várias áreas como à psicanálise, a psicologia social e a epistemologia genética, entre outras.

Em função do seu caráter interdisciplinar, como base para o seu campo de atuação, passou-se a pensar sobre seu objeto de estudo, objetivando construir sua definição. Bossa (2000), diz que a psicopedagogia tem como objeto de estudo o próprio processo de aprendizagem da criança e seu desenvolvimento normal e patológico em contexto (realidade interna e externa), sem deixar de lado os aspectos cognitivos, afetivos, motor, pedagógico e sociais implícitos em tal processo.

Ainda de acordo com a autora referida, o objeto de estudo da psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: o preventivo, que se preocupa com o ser humano em desenvolvimento e as alterações desse processo, podendo esclarecer sobre as características das etapas do desenvolvimento; e o enfoque terapêutico, que se preocupa com a identificação, a análise, e a elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

Com relação ao objetivo do trabalho psicopedagógico Segundo o Código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia (1996) “(i) promover a aprendizagem, garantindo o bem estar das pessoas em atendimento profissional, devendo valer-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação interpessoal” (Capítulo I – Artigo 5º).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

A Psicopedagogia pode atuar junto à educação, facilitando o entendimento das dificuldades de aprendizagem, aqui em específico, as de leitura e de escrita, identificando-as, intervindo no processo de alfabetização, fornecendo mecanismos adequados para a solução dos problemas encontrados, isto é, funcionando como mediadora na relação dos sujeitos citados. Refletir psicopedagogicamente sobre os problemas de aprendizagem consiste em procurar compreender a forma como o aluno ou os alunos estão utilizando os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender. Significa refletir, também, com as relações que se estabelecem entre aluno e conhecimento, as quais são interpostas pelo professor e pela escola (KEZIO e WANNESKA, 2015, p. 09 e 10).

Portanto, este processo de aprendizagem em que se articulam as intervenções individuais e grupais de forma ativa, integrando afeto e cognição, é um dos diferenciadores significativos da atuação psicopedagógica. Portanto, a psicopedagogia é um campo do conhecimento que surgiu da necessidade de compreender melhor os mecanismos de aprendizagem humana, possuindo sua práxis baseada nos processos de aprendizagem e suas interrelações.

Apesar de o seu nome dar noção de simplicidade ou de união de ciências, a psicopedagogia é algo além do que a simples soma da psicologia e da pedagogia. É um campo do conhecimento que estuda e busca a compreensão sobre os processos inerentes do aprender.

Baseado na psicopedagogia, área de conhecimento interdisciplinar, tem como objeto de estudo a aprendizagem humana. É papel fundamental do psicopedagogo potencializá-la e atender as necessidades individuais, no decorrer do processo. O trabalho psicopedagógico pode adquirir caráter preventivo ou interventivo, institucional, clínico e terapêutico, o que amplia sua área de atuação, facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas que existem. Para tanto, é importante salientar que a psicopedagogia é uma área que vem para somar, trabalhando em parceria com os diversos profissionais que atuam em sua área de abrangência.

Ressalta-se ainda que a psicopedagogia é uma área de conhecimento e de atuação dirigida pelo e para o processo de aprendizagem. Seu objeto de estudo é o ser, que apreende da realidade, e constrói o seu conhecimento, aprendendo. Visto que o conhecimento é construído natural e continuamente pelo sujeito, no seu viver, não sendo exclusividade do ambiente escolar, já que ocorre simultaneamente com o processo de vida (VYGOTSKY, 1984, 1987).

Observa-se que as relações psicopedagógicas com o conhecimento, vinculado à aprendizagem e as significações do ato de aprender, fazem parte do seu foco de estudo a fim de contribuir para a análise e reformulação de práticas educativas, ressignificando hábitos e atitudes.

Por esse motivo as teorias vinculadas a ela são relacionadas à prática pedagógica, envolvendo o atendimento às necessidades individuais ou em grupos de aprendizagem e a apropriação do conhecimento; à prática clínica, integrando compreensão, prevenção e métodos terapêuticos ao analisar o aprender, no que diz respeito à continuidade do processo de aprendizagem, aliada à Fonoaudiologia, Psicologia, Neurologia, Medicina, Pedagogia, Psicomotricidade, dentre outras ciências.

3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA CRIANÇA SURDA

É impossível falar sobre alfabetização e letramento sem fazer referência aos estudos feitos acerca da psicogênese da linguagem escrita, que se iniciaram a partir de 1980, quando alguns estudiosos sentiram a necessidade de fomentar entre os professores um melhor entendimento sobre o assunto. A partir de então, a alfabetização passou a ser concebida não apenas como a apreensão de um código, mas como um processo de construção de conhecimentos, hipóteses e reflexões sobre a representação desse código. As maiores contribuintes desse estudo estão nas figuras de Ferreiro e Teberosky.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p.25).

Dessa forma o termo alfabetização passou a ser compreendido não só como o ato de ensinar e aprender, mas como um processo de aquisição de habilidades, competências e conhecimentos que possibilitam fazer uso da leitura e da escrita no meio social. Dessa maneira foram surgindo termos que denominaram esse processo, primeiro como alfabetização funcional, em seguida como letramento, e depois passou a ser descrito como alfabetização e letramento.

A concepção “tradicional” de alfabetização, traduzida nos métodos analíticos ou sintéticos, tornava os dois processos independentes, a alfabetização – a aquisição do sistema convencional de escrita, o aprender a ler como decodificação e a escrever como codificação – precedendo o letramento – o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de textos, a compreensão das funções da escrita. Na concepção atual, a alfabetização não precede o letramento, os dois processos são simultâneos, o que talvez até permitisse optar por um ou outro termo, como sugere Emilia Ferreiro em recente entrevista à revista Nova Escola, 15 em que rejeita a coexistência dos dois termos com o argumento de que em alfabetização estaria compreendido o conceito de letramento, ou vice-versa, em letramento estaria compreendido o conceito de alfabetização – o que seria verdade, desde que se convencionasse que por alfabetização seria possível entender muito mais que a aprendizagem grafofônica, conceito tradicionalmente atribuído a esse processo, ou que em letramento seria possível incluir a aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004, p. 25 e 26).

Segundo o Programa de Formação Continuada para Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento, MEC, Fascículo I, (2006, p.13), diz que:

Não se trata de escolher entre alfabetizar e letrar, trata-se de alfabetizar letrando. Também não se trata de pensar os dois processos como sequenciais, isto é, vindo um depois do outro, como se o letramento fosse uma espécie de preparação para a alfabetização ou, então, como se a alfabetização fosse condição indispensável para o início do processo de letramento [...] Assim entende-se que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla de maneira articulada e simultânea a alfabetização e o letramento. (BRASIL, 2006, p. 13).

De acordo com a autora Fontana (1974, p.65) a escola, possibilitando o contato sistemático e intenso dos indivíduos com sistemas de conhecimento e fornecendo a eles, instrumentos para elaborá-los, mediatiza seu processo de desenvolvimento. Compreendemos que o processo de alfabetização e letramento requer

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

o conhecimento do código alfabético, mas também habilidades e competências para utilização do código alfabético em situações reais na sociedade em que vive.

Nesse mesmo pensamento Soares (1998, p. 59), afirma que alfabetização e letramento são processos nos quais o indivíduo faz a apreensão do código e de habilidades necessárias para a concretude do ato de ler e escrever, ou seja, além das convenções técnicas de escrita, deve-se fazer a aquisição de habilidades e competências de leitor/escritor, o que significa ter capacidade de ler e escrever com objetivos distintos. Tal competência garante aos indivíduos situações favoráveis em relação com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

De acordo com a Soares (1998, p. 47) “Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais de leitura e escrita”.

Quanto á alfabetização do surdo, conforme Sofiato (2005) a importância da imagem e do visual no processo de construção do conhecimento desses alunos, sendo ainda muito pouco reconhecido pelos educadores. Cabe aos professores e profissionais refletirem sobre o tema no que se refere á apropriação do conhecimento. Há discursos sobre o uso significações da imagem nesse contexto, afirmando que a escrita tem nela a sua origem e que desde muito cedo aprendemos a ler e a escrever essas imagens - mensagens visuais. Segundo Hughes (1998) apud (REILY, 2003) aborda o tema dando ênfase a ideia de letramento visual, considerando um equívoco pensar que a apropriação do letramento visual acontece intuitivamente na escola. Conforme essa autora a escola não valoriza o papel da linguagem visual no processo de construção da linguagem (leitura-escrita) e conhecimentos numéricos.

Reily (2003, p 164) propõe o letramento visual no currículo escolar afirmando que a imagem vem sendo usada na escola simplesmente com uma função decorativa, de tal for diminuir o tédio provocado pela grafia de textos visualmente desinteressante. O autor também ressalta a importância dos educadores dessa área fazer uma reflexão sobre as contribuições do uso da imagem no processo de escolarização do surdo.

Baseando-se no livro “A criança surda” a autora Marcia Goldfeld relata que o desenvolvimento da criança surda passa por duas etapas: primeiro em nível interpessoal,

para depois ser internalizado e vivido intrapsiquicamente. Estas pressuposições são fundamentais para garantir uma visão mais ampla e científica a respeito da criança surda. Esta visão provoca uma reflexão mais profunda sobre as dificuldades dessas crianças, pois se a cultura, a linguagem e o diálogo são fatores essenciais para o desenvolvimento infantil, e sendo justamente essa área comprometida no surdo, conclui-se que as consequências da surdez devem ultrapassar a dificuldade comunicativa e atingir todas as áreas do desenvolvimento infantil.

No Brasil, a Língua de Sinais começou a ser investigada na década de 1980 por Lucinda Ferreira Brito, e a aquisição dessa língua, nos anos 90, por (KARNOPP, 1994; QUADROS, 1995). Esses estudos concluíram que o processo das crianças surdas adquirindo língua de sinais ocorre em período análogo à aquisição da linguagem em crianças adquirindo uma língua oral-auditiva. O fato do processo de aquisição da linguagem ser concretizado por meio de línguas visuais-espaciais, exige uma mudança nas formas como essa questão vem sendo tratada na educação de surdos. Surdos com acesso a língua de sinais desfrutam da possibilidade de adentrar o mundo da linguagem com todas as suas nuances. A Língua de Sinais ao ser adquirido irá proporcionar a aquisição da língua portuguesa em sua modalidade escrita.

Freire, (1999, p.26) ressalta:

A partir de uma proposta nova calcada nas reais necessidades do aprendiz surdo, para quem a primeira língua é a Língua de Sinais (1) e para quem a Língua portuguesa é uma segunda língua com uma função social determinada. O ensino da Língua Portuguesa passaria a ser entendido, então, como o ensino de uma língua instrumental com o objetivo de desenvolver no aprendiz habilidades de leitura e produção de texto.

Para que o aprendiz possa fluir, o instrumento mediador mais forte para facilitar o acesso à escrita por pessoas surdas é a Língua de Sinais, pois, da mesma forma que para os ouvintes a escrita está intermediada pela língua oral, sua primeira língua, o surdo pode exercer domínio da escrita de uma língua oral se esta chega através da sua primeira língua. Entretanto, percebe-se que a maioria dos surdos tem contato primeiro com a língua oral ao invés da LIBRAS, já que a maioria são filhos de pais ouvintes e muitos dos pais até desconhecem a Língua de Sinais.

Sacks, (1998, p. 75), afirma:

(...) as crianças surdas demonstram desde o início uma organização diferente, que requer (e exige) um tipo de resposta diferente. Pais ouvintes com sensibilidade podem reconhecer isso em certa medida e tornar-se, eles próprios, muito habilidosos em interação visual. Mas existe um limite para que os pais ouvintes, por mais amorosos que sejam, podem proporcionar, porque eles são, por natureza, seres auditivos e não visuais. É preciso uma interação adicional, totalmente visual, para que a criança surda possa desenvolver sua própria identidade, especial e única _ e isso só pode ser proporcionado por um outro ser visual, uma outra pessoa surda.

A língua não é apenas uma faculdade ou habilidade, é o que possibilita o pensamento verbal, portanto a língua deve ser prioridade. Sendo para o surdo a língua de sinais sua primeira língua é responsável pela construção de significados de mundo e aprendizagem. E é por intermédio da Língua de Sinais que o surdo terá acesso aos significados das palavras, construindo assim um valor e um sentido para a segunda língua, a Língua Portuguesa.

O surdo está inserido em um mundo de palavras e sua adaptação não é dada da mesma forma que o ouvinte, pois o surdo precisa do intermédio de sua língua “natural” para promover uma integração necessária com a língua portuguesa, para que ele possa interagir com seu desenvolvimento cognitivo e ser capaz de entender esse mundo de palavras, contextos e significados.

O indivíduo só se constrói através da língua, sendo que o mesmo não é possuidor de uma identidade pessoal antes dela. A escola tem a tarefa de introduzir a língua de sinais para que o indivíduo surdo possa por meio de sua língua integrar-se e construir-se como indivíduo pensante e ativo em sua formação.

A escrita de surdos apresenta ideias confusas, dificultando a sua compreensão pelo leitor. A falta de entendimento do texto produzido por um surdo é devido a diversos fatores tais como: referencialidade ambígua, (falta de inserir nomes e pronomes sendo eles pessoais e possessivos, gerando diversas interpretações), escolhas lexicais indevidas, (inclusão de palavras fora do contexto), e sentido indefinido (GÓES, 1999).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Na elaboração de um discurso escrito, ouvintes que estão aprendendo uma segunda língua enfrentam dificuldades no uso de preposições, tempos verbais, sufixos, prefixos, concordância nominal e verbal, estrutura de organização, aspectos pragmáticos, semânticos, entre outros. Assim como ouvintes aprendentes de uma língua desconhecida, o surdo também enfrenta problemas semelhantes ao realizar sua produção textual escrita, no momento em que estuda o Português como segunda língua. A sua aquisição dependerá de sua representação enquanto língua com funções relacionadas ao acesso às informações e comunicação entre seus pares por meio da escrita. A comunidade surda visa adequar o uso da tecnologia e seus canais de produção e recepção à característica visual-espacial da língua de sinais para sua comunicação e educação.

Visto que as novas tecnologias possibilitam uma maior acessibilidade visual, a comunidade surda a recebe como uma potencialidade na comunicação o que estabelece novas possibilidades para o seu processo educacional (...) O professor com o auxílio das novas tecnologias pode proporcionar ao aluno surdo aulas mais visuais, através de momentos lúdicos, estimulantes, diferenciados, respeitando as características da língua de seu aluno. Esse mediador, através do uso das tecnologias, cria facilidades na percepção dos conteúdos, aumentando a autoestima, permitindo ao aluno surdo o acesso a uma pedagogia visual (...) A utilização da TV, DVD, data show, vídeos, internet, softwares, redes sociais, e-mail, chat, webcam, mensagens de textos de celulares se tornam objetos de aprendizagem e oportunizam e motivam o acesso e a participação dos surdos em seu processo educacional, visto que suas experiências de comunicação são de caráter visual (KÉZIO, 2016, p. 77).

Conforme está inscrito na Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 208, Inciso III, “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Neste contexto fica claramente subtendido que os alunos portadores de necessidade especial além de ter seu espaço garantido nas instituições educacionais, conta também com um atendimento específico e diferenciado de acordo com sua necessidade.

Partindo deste ponto o sujeito surdo deve contar com um profissional qualificado e que domine sua Língua Materna como L2 para transmitir que está sendo-

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

lhe repassado pelo professor ouvinte, tanto nas escolas, como também em todo e qualquer espaço educacional.

A língua é uma das principais formas de comunicação entre os indivíduos de uma sociedade, permitindo que os mesmos expressem seus pensamentos e aprendizagens. Dentro deste contexto encontra-se a Língua de Sinais que fortalece e permite que indivíduos surdos/ouvintes e surdos/surdos mantenham uma comunicação integral. Além de fortalecer a inclusão total de comunidades distintas e reconstruir o próprio sujeito.

Ainda que o acesso à educação já seja universalizado, ainda sim, continuam sendo excluídos indivíduos fora dos conceitos de padrões considerados adequados pela escola, a escola ainda não encontra-se preparada para atender o público surdo e suas peculiaridades linguísticas. A aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o Português falado. A criança surda é exposta a escrita do português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de Português.

Um dos desafios após o Decreto nº 5626/2005 está na garantia que as práticas escolares proporcionem, aos alunos surdos, a eficácia das metodologias de ensino da escrita e na desmistificação de práticas decorrentes a conceitos normativos. O ensino da escrita para surdos deve ser ministrada a partir de políticas que considere a sua diversidade linguística, suas identidades, sua cultura. A língua possibilita a percepção de diferentes pontos de vista, troca de experiências facilitando o surgimento de reflexões e posições expondo novas ideias como instrumento de participação e renovações culturais que são geradoras de novas práticas de vida.

Para que o mediador do aprendizado da escrita tenha conhecimento sobre as possibilidades e potencialidades da pedagogia visual na educação de surdos, são necessários conhecimentos sobre os aspectos culturais da comunidade surda. A mediação do processo de conhecimento sobre os aspectos culturais da comunidade surda deve propor ao professor o contato com a Língua de Sinais para que esse possa criar metodologias, estratégias para o ensino da escrita da língua portuguesa para surdos.

Kézio (2016) ressalta:

Para facilitar o processo de ensino e de aprendizagem do sujeito surdo, o professor/mediador deve permitir ao surdo o acesso a este processo através da pedagogia visual que visa superar dificuldades no processo de ensino e de aprendizagem através da construção de novos valores, jogos interativos, softwares educacionais, dicionários digitais, entre outros aspectos das novas tecnologias que correlacionadas à comunicação visual, qualidade, agilidade, ferramentas interativas, garantem uma maior aplicabilidade que vieram para amenizar as dificuldades, melhorando o desempenho dos alunos (...)É necessário que o professor compartilhe vivências surdas para que possa desenvolver conteúdos práticos a fim de resolver as questões difíceis do mundo de hoje, pois, para que seu aluno possa assimilar o conteúdo proposto, este mediador deve acompanhar, aprender, elaborar atividades com foco nas necessidades culturais de seus alunos, para que essa aprendizagem possa ser valorizada para a vida pessoal e profissional de seu aluno (KÉZIO, 2016, p. 65).

A cultura surda é a forma em que o surdo concebe, remodela o mundo a sua volta o que o torna acessível a sua percepção visual, contribuindo para a elucidação das identidades surdas, o que abrange costumes, crenças e língua. Ao tornar a língua como definidora da identidade social, enfatiza-se a sua função social.

4 ABORDAGEM SÓCIO INTERACIONISTA

Para que o aluno possa desenvolver a linguagem e o seu pensamento, a escola deve proporcionar a ele um ambiente adequado para o ensino da segunda língua, esse ensino deve ser específico, sempre mostrando ao aluno o que está sendo trabalhado e sua finalidade, tendo como objetivo principal desenvolver a língua portuguesa, de forma escrita. É a língua de sinais a língua capaz de fazer com que o surdo possa perceber um mundo repleto de aprendizagens que por ele pode ser conquistado.

Aprendendo língua de sinais, fica mais fácil para criança surda desenvolver a língua escrita, adquirindo maior capacidade de extrair mais informações através da escrita e da leitura da escrita.

Cárnio, Couto, Lichtig, (2000, p.51), diz:

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Observa-se que a maioria dos surdos é exposta à língua oral e não à língua de sinais e, por eles não dominarem a língua oral nem terem experiências linguísticas ricas na língua de sinais, acabam por adquirir a língua escrita de maneira insatisfatória, trazendo para esta última alguns aspectos característicos da língua de sinais, além das inadequações linguísticas vivenciadas na língua oral... Conseqüentemente, a escrita, que deveria ter um papel importante na vida do surdo, por ser um veículo que permitiria a integração do mesmo, junto à comunidade ouvinte majoritária, passa a ser percebida como um fator de discriminação e rejeição.

O sócio interacionismo acredita que a aprendizagem está associada ao lugar social que o sujeito ocupa, sendo que as regras sociais e o papel específico do sujeito dentro da sociedade determinam a aprendizagem e conseqüentemente o seu desenvolvimento. Nessa visão, o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como transformador, podendo ser transformado nas relações produzidas em uma cultura. Ao interagir com esses conhecimentos o ser humano se transforma, aprende a ler e a escrever, obtendo domínio das formas complexas e construindo significados.

O desenvolvimento da alfabetização ocorre sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam (FERREIRO, 1993, p.24).

A aprendizagem não limita apenas ao aprendizado escolar, o surdo desde o nascimento está em constante processo de aprendizado e desenvolvimento. Na prática deve ser discutido e proporcionado ao desenvolvimento da escrita e leitura uma interação social por meio do acesso educacional. Essa prática é diferenciada de muitas existentes que são norteadas por um enfoque tradicional onde acreditam que a aprendizagem da Língua Portuguesa pelo surdo possa ser através de cópias repetitivas de textos, palavras e letras. O desenvolvimento da escrita e leitura uma interação social por meio do acesso educacional deve ser explorado. Essa visão diferencia-se das abordagens tradicionais, que por sua vez, é considerado como causadora de muitos fracassos escolares de alunos surdos.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Fernandes, (1999, p.77), afirma:

Através das metodologias do ensino de Língua Portuguesa adotadas tradicionalmente, negou-se aos surdos o acesso a práticas linguísticas significativas que o auxiliassem a perceber o sentido na aprendizagem de uma segunda língua. Como consequência, as respostas para o fracasso apresentado não foram buscadas nas estratégias inadequadas destinadas ao aprendizado da língua, mas foram justificadas como inerentes à condição da “deficiência auditiva” e não como possibilidade diferenciada de construção gerada por uma forma de organização linguística cognitiva diversa.

A busca por estratégias para que o aluno aprenda com eficiência a leitura e a escrita, é um dos principais recursos que a escola e sua equipe precisam dispor para combater a massificação resultante de metodologias inadequadas. Reagindo de forma positiva, consciente e plena, a escola, diante desses instrumentos de transformações e de comunicação, deve preparar profissionais para operar e ensinar seus alunos para que eles possam munir-se de conhecimento, sabedoria e serem conhecedores do mundo em que estão inseridos. Nessa perspectiva, o surdo desenvolve sua aprendizagem norteadas pela interação entre a mediação psicopedagógica e a parceria desse profissional junto ao meio escolar e professores. As dificuldades encontradas pelo surdo podem ser enfrentadas por ele através de mediações na qual seus conhecimentos ultrapassam as barreiras da aprendizagem, intervir e mediar nas dificuldades de aprendizagem específicas de cada aluno, levando em consideração a sua identidade cultural seja esse surdo de identidade política ou incompleta. A mediação do psicopedagogo no ensino da escrita é realizada como estratégia para alcançar objetivos específicos, levantando e mostrando-a como função essencial e social da aprendizagem.

O psicopedagogo media procedimentos metodológicos, possibilitando ao aluno ativar suas habilidades comunicativas naturalmente inteirando-os com o meio social e os conteúdos determinados em sala de aula, possibilitando ao surdo progresso na produção textual.

A leitura e a escrita tem que está relacionada de forma íntima com o sucesso acadêmico do aprendiz, possibilitando a ele a aquisição de diferentes pontos de vista, como o aumento e a troca de experiências através daqueles que já possuem um saber mais elevado, facilitando então, o surgimento de reflexões e posições colocando

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

as novas ideias como instrumento de participação, renovações culturais e geradoras de novas práticas de vida.

Rossi, (2000, p.103), afirma que *“é por meio da comunicação com o outro que a criança constrói sua realidade social e descobre a si próprio. A interação com o meio auxilia a perceber a si mesma, oferecendo-lhe elementos de identificação e diferenciação em relação aos outros”*.

A mediação psicopedagógica intervém na construção do desenvolvimento da leitura e da escrita através de estímulos, técnicas de aprendizagem visando melhorar o aprendizado dessas duas modalidades da língua portuguesa. O aprendizado ocorre a partir dos desafios e situações problemas propostos, podendo o aprendente ser agente construtor de sua própria aprendizagem. Muitos surdos que enfrentam problema na escrita e leitura da língua portuguesa provêm da prática pedagógica onde a repetitividade é considerada aspecto essencial no aprendizado de pessoas surdas, sendo essa prática educacional causadoras de muitos fracassos educacionais.

A realidade das dificuldades escolares é o resultado de equívocos que reforçam o condicionamento do surdo a superar a deficiência e ser igual ao ouvinte baseando-se sempre no ser deficiente e incapaz de viver no mundo se não igualar-se ao ouvinte e falante. A questão se agrava, pois a escola não percebe que isso esteja acontecendo, e, por muitas vezes, ignora o caminho que o aprendiz percorre até chegar ao ato de escrever. A escola vem enfatizando o processo da escrita, desassociado do processo de compreensão da palavra impressa, ou seja, da leitura. A consequência é que alunos são limitados a reproduções de significados.

Dias, (2001, p.42), afirma:

Sair desse enfoque mecânico, de simples decodificação, penso que seja importante, necessário e urgente. E isso implica em uma mudança de postura docente, que se inicia com a ampliação do conceito de leitura e a crença de que os indivíduos podem aprender a ler sem decifrar e sem oralizar, pura e simplesmente, um texto, pois a leitura não depende nem da decifração nem da oralização lineares. Ler é atribuir diretamente (ou seja, sem intermediários) um sentido a algo escrito, um texto, questionando esse escrito a partir de uma necessidade e/ou expectativa reais de situações da vida (que são diferentes das simulações escolares).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Os alunos surdos buscam uma educação sem rótulos e/ou estigmas. A comunidade surda luta por uma pedagogia surda que parte de um olhar diferente direcionado em uma filosofia educacional visando sua subjetividade, transformando, também, o currículo escolar introduzindo a Disciplina História dos Surdos, a Literatura Surda e outras. Num contexto de mudanças, o aluno surdo necessita de um profissional que se adapte às suas necessidades educativas fazendo com que se relacione melhor com o aprendizado que, quase sempre, lhe é privado por essa educação que lhe é imposta. Um profissional que mostre ao sujeito surdo que o errar pode fazer parte do processo de aprendizagem, que não existe acerto sem tentativas e que essas tentativas podem levar ao erro. Mas importa saber que buscar superar o erro leva ao acerto que leva a conquista.

Diante dessas dificuldades a pessoa surda não precisa apenas de mediadores usuários de línguas de sinais, como também de um profissional que compreenda seu problema e que possa atendê-lo de forma individual e de perto, buscando fazer com que enfrente suas barreiras na educação. Trabalhando o lado educacional e emocional do aluno, ele desenvolverá melhor suas tarefas e aprenderá a conviver e a superar seus obstáculos.

A dinâmica trabalhada para o aluno aprender com eficiência a leitura e a escrita é um dos principais recursos que a escola e o professor precisam dispor para combater essa massificação resultante de metodologias inadequadas. A leitura e a escrita tem que está relacionada de forma íntima com o sucesso acadêmico do aprendente, possibilitando a ele a aquisição de diferentes pontos de vista, como o aumento e a troca de experiências através daqueles que já possuem um saber mais elevado, facilitando então, o surgimento de reflexões e posições colocando as novas ideias como instrumento de participação, renovações culturais e geradoras de novas práticas de vida.

Considerado como um processo cognitivo a construção do desenvolvimento da leitura e da escrita pode ser efetivada através de estímulos, influências do meio e de modelos sociais a fim de explorar melhor o aprendizado dessas duas modalidades da

língua oral. O aprendizado ocorre a partir dos desafios e situações problemas propostos, podendo o aprendente ser agente estimulador e investigador.

Ressalta Goldfeld, (2002, p.74):

A aprendizagem que se inicia pelas relações interpessoais, necessita, na maioria das vezes, da linguagem. O atraso na linguagem, obviamente, causa atraso na aprendizagem e conseqüentemente no desenvolvimento, já que é a aprendizagem que o impulsiona.

Conhecer as mais variadas funções de textos ajuda o aluno no dia a dia facilita sua vivência em diversas situações, proporcionando conhecimento do mundo em que está inserido, sabendo reconhecer e solucionar aspectos que enfrentará no cotidiano. A escola fazendo com que os momentos em sala de aula proporcionem situações reais, lendo de verdade textos reais, tornará a vida na escola mais útil à vida do aluno fora da escola. A compreensão das relações simbólicas da leitura e da escrita é equivalente ao percurso da humanidade, do início da existência, ou seja, da própria história do homem.

A escola deve ser capaz de desenvolver nos alunos capacidades intelectuais que lhes permitam assimilar os conhecimentos acumulados, não se restringindo só a transmissão de conteúdos, mas, ensinando o aluno a pensar. O ensino deve proporcionar um conhecimento elaborado, de modo que o aluno possa praticá-lo com total autonomia não só na sua permanência escolar, mas também ao longo de sua vida.

A qualidade do trabalho psicopedagógico está associada à capacidade de promoção de avanços no desenvolvimento do aluno, ou seja, o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Se a escola desempenhar bem seu papel, partindo daquilo que a criança já sabe, se ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, ela estimulará processos internos que efetivarão a possibilidade de construir a base que possibilitarão novas aprendizagens.

5 PENSAR PSICOPEGAGICAMENTE

O processo de aquisição da linguagem precede e excede os limites escolares. Por isso, o próprio aluno é o ponto de partida de toda aprendizagem. Este

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

vive num mundo onde a escrita é fator presente nas ruas, permitindo que já se reflita sobre o processo. Enquanto a escrita é um sistema de representação da linguagem, a leitura é a interpretação. Na aprendizagem escolar, o aluno pode atrasar-se em qualquer etapa do seu desenvolvimento. Existem vários motivos que pode desencadear essa dificuldade sejam estes internos, advindos de aspectos cognitivos, afetivos, motores, ou externos, devido a uma mediação inadequada na relação professor, aluno e família.

Para Vygotsky (1984), a aprendizagem é um processo de apropriação que ocorre na relação indivíduo e meio social, e é essa relação que o impulsionará para desenvolver-se. Desse modo, a mediação entre o social, o cultural tem fundamental contribuição no sucesso ou fracasso do aluno, esse fracasso relaciona-se com a inadequação da escola para atender a suas especificidades educacionais.

O surdo ainda está diante de uma educação em mudanças, uma educação em busca de profissionais qualificados para lhe atender. E, uma das principais barreiras que enfrentará é o processo de aprendizado da leitura e da escrita da língua oral de seu país pois, em suas primeiras tentativas, poderão ocorrer “erros” e erros nem sempre são vistos como um passo para o acerto. Essa forma negativa de perceber o “erro” pode causar traumas, frustrações, impedindo-o de tentar novamente, pois é rotulado como incompetente pelos profissionais ao seu redor e por si mesmo, gerando dificuldade interna, uma dificuldade consigo mesmo, ao achar que não pode, que não conseguirá e se abdicará, quase sempre, em dizer que está com uma dúvida ou até mesmo em escrever um texto, mesmo que seja pequeno, pois teme que o professor irá dizer que está errado, teme que os demais alunos da escola, em que está incluído, saibam que não consegue ler e escreve com proficiência.

Pensar no ensino como a Psicopedagogia significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo a participação da família e da sociedade. Diante do baixo desempenho acadêmico, alunos são encaminhados pelas escolas, com o objetivo de elucidar a causa de suas dificuldades, a intervenção psicopedagógica vem ocorrendo na assistência às pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

O psicopedagogo tem como objetivo no seu trabalho, ampliar a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem do aluno, abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender as necessidades de aprendizagem. A intervenção psicopedagógica se dá através de técnicas e instrumentos próprios da Psicopedagogia, que facilitam a aprendizagem do aluno, despertando e desejo e interesse pela aprendizagem.

No processo escolar, o aluno pode atrasar-se em qualquer etapa do seu desenvolvimento. Existem vários motivos que pode desencadear essa dificuldade sejam estes internos, advindos de aspectos cognitivos, afetivos, motores, ou externos, devido a uma mediação inadequada na relação professor, aluno e família.

Muitas vezes os aprendentes não são capazes de expressar nem de reproduzir o que os faz temer, desenvolvendo angústias, fazendo surgir depressão, revolta ou desespero, ou ainda a possibilidade de regressão no nível de desenvolvimento. Mais uma vez, o psicopedagogo é aquele que faz diferença, trazendo o sentimento de valorização da vida, amor próprio, autoestima, aceitação e segurança - recuperar estes prazeres e garantir a construção dos conhecimentos que estariam acontecendo em ambiente escolar é função do trabalho psicopedagógico que se insere na esfera hospitalar. Afinal, a aprendizagem é um processo tão amplo e grandioso que ocorre através de interações, em qualquer lugar (KÉZIO e WANNESKA, 2016, p. 152).

A escola é local de inclusão, que recebe diversos alunos, um local propício não apenas a socialização, mas como também a alfabetização, assim como em todo e qualquer processo o aprendizado também tem suas dificuldades, a escola juntamente com seu grupo de educadores precisa estar preparada para enfrentá-los. Surge então, a necessidade de um grupo profissional que atenda e entenda o processo de aprendizagem do indivíduo, seja este surdo, que é o nosso caso, ou não.

Sabe-se que indivíduo começa seu processo de aprendizado logo nos primeiros instantes de vida, quando este aprende a mamar, andar, falar, pensar. A aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos na espécie humana. Caso contrário, alguma coisa deve estar errada. A escola com seu grupo de profissionais precisam estar prontos a receber e a trabalhar com qualquer indivíduo. E quando a escola recebe alunos que possuem privação de uma língua?

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

A privação da língua na fase inicial do desenvolvimento do indivíduo pode interferir, dificultá-lo de alcançar a qualidade de desenvolvimento que seu cérebro está preparado para atingir. O aluno surdo muitas vezes é exposto tardiamente à sua língua materna e essa ação pode causar efeitos de atrasos cognitivos e da linguagem que vão além de uma simples dificuldade de comunicação.

Sobre esse caso Fernandes (2000, p. 51) afirma: (...) saber propiciar a aquisição da Língua de Sinais à criança surda, antes de tudo como respaldo e principal instrumento para o desenvolvimento dos processos cognitivos, é o primeiro grande e indispensável passo para a verdadeira educação deste indivíduo.

É importante que a escola possa trabalhar com um ambiente de colaboração baseado no enriquecimento e na socialização dos processos intelectuais e culturais. Com enfoque no processo de inclusão, a Psicopedagogia dedica-se a atender crianças, adolescentes, jovens e adultos com dificuldades de aprendizagem, voltada numa perspectiva de construção dos processos de análise, das dinâmicas familiares, escolares, institucionais e suas respectivas importâncias na formação do sujeito aprendiz.

Sabemos que existe uma grande dificuldade em encontrar profissionais proficientes em língua de sinais para trabalhar o aluno surdo, se existe carência no quadro de professores dificilmente encontraremos um psicopedagogo, mas temos um profissional que faz o intermédio da comunicação nas duas línguas, tanto da Língua de Sinais para a língua oral quanto da língua oral para a língua de sinais, esse profissional é o Intérprete/Tradutor de Língua de Sinais. Esse profissional pode mediar a comunicação do professor/aluno e aluno/professor, assim como do psicopedagogo/aluno e aluno/psicopedagogo. É indispensável a presença deste profissional na escola.

A dificuldade na escrita do aluno surdo é uma dificuldade tanto interna quanto externa. Externa, pois a maioria dos alunos surdos provém de uma família de pais ouvintes, essa família detecta a necessidade de uma comunicação especial tardiamente e, conseqüentemente, o põe na escola tardiamente causando um choque de informações.

Informações que é um sujeito com uma cultura e uma identidade própria, que possui uma língua natural e com essa poderá se comunicar com outros surdos e com

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

ouvintes conhecedores dessa língua e que por ter uma comunicação diferente enfrentará diversas barreiras imposta na sociedade ouvinte.

Enfrentará, também, dificuldades no aprendizado da língua oral de seu país, pois essa deverá ser ensinada como segunda língua e não como primeira já que a sua primeira língua é a Língua de Sinais. Estará diante de uma educação em mudanças, uma educação em busca de profissionais qualificados para lhe atender e uma das primeiras barreiras que enfrentará é concernente a leitura e a escrita da língua oral de seu país, pois em suas primeiras tentativas poderão ocorrer “erros” e erros nem sempre são vistos como um passo para o acerto.

Não raramente, professores abordam alunos de forma negativa quando evidenciam de forma brusca os seus “erros” causando traumas, frustrações, impedindo-os de tentar novamente, pois é taxado como incompetente pelos profissionais ao ser derredor, e por si mesmos gerando, uma dificuldade interna, uma dificuldade consigo mesmo, ao achar que não podem, que não conseguirão.

Se o exercício de aprendizagem do sujeito é possibilitado pela motivação, em se tratando do erro muitas posturas podem ser observadas, tais como: quando há motivação, o sujeito se interessa pela resolução do problema, investe na regulação, procura superá-lo, este estágio é considerado ideal para a aprendizagem e o desenvolvimento; em outra situação, o sujeito percebe que não consegue resolver determinada questão, porque suas ideias são erradas ou mesmo porque tem lacunas no seu conhecimento, o que faz com que abandone a atividade, seus interesses são outros, é o que ocorre na maioria das vezes; noutra ocasião, o sujeito sabe que cometeu erro, mas de imediato, nega esses erros; há ainda o caso em que o sujeito sequer se dar conta de que errou, já que está tão convicto de suas ideias.

O medo da tentativa pode frustrar o aluno surdo e este se abdicará, quase sempre, em dizer que está com uma dúvida ou até mesmo em escrever um texto mesmo que seja pequeno, pois teme o professor dizer que está errado, teme que os demais alunos da escola em que está incluído saibam que não ler e nem escreve com proficiência.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

O professor por não saber Língua de Sinais, nem sobre a Cultura Surda e não conhecer as dificuldades enfrentadas por aprendentes surdos, os rotulam de incapazes, conseqüentemente, aprendizes tomam para si, com maior ênfase, esse rótulo no qual eles mesmos se enxergarão desta forma. Esses problemas atingem diretamente seu emocional, acreditando que não aprendem, pois não sabem, mas não sabem eles que são igualmente inteligentes a todos os outros, que só dependem de uma iniciativa, de uma acolhida.

Os alunos surdos buscam uma educação sem rótulos e/ou estigmas. A comunidade surda luta por uma pedagogia surda que parte de um olhar diferente direcionado em uma filosofia educacional visando sua subjetividade, transformando, também, o currículo escolar introduzindo a Disciplina História dos Surdos, a Literatura Surda e outras.

Num contexto de mudanças, o aluno surdo necessita de um profissional que se adapte às suas necessidades educativas fazendo com que se relacione melhor com o aprendizado que, quase sempre, lhe é privado por essa educação que lhe é imposta. Um profissional que mostre ao sujeito surdo que o errar pode fazer parte do processo de aprendizagem, que não existe acerto sem tentativas e que essas tentativas podem levarão erro. Mas importa saber que buscar superar o erro leva ao acerto que leva a conquista.

Diante dessas dificuldades a pessoa surda não precisa apenas de mediadores usuários de línguas de sinais, como também de um profissional que compreenda seu problema e que possa atendê-lo de forma individual e de perto, buscando fazer com que enfrente suas barreiras na educação. Trabalhando o lado educacional e emocional do aluno, ele desenvolverá melhor suas tarefas e aprenderá a conviver e a superar seus obstáculos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ultrapassar as barreiras do preconceito significa trabalhar com o potencial do indivíduo e, não questões adjacentes. Acreditar nas possibilidades do indivíduo é basear o seu trabalho no desenvolvimento real do potencial deste, extinguindo a ideia de

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

que para a criança com necessidades especiais, a aprendizagem consiste somente em atividades de rotina como vestir-se, pentear-se ou amarrar um cadarço de sapato, a aprendizagem deve ir além.

A formação de educadores não pode mais focalizar apenas os professores de alunos “especiais” ou “normais”, pois este profissional precisa assumir a postura de conhecedor da diversidade de seus alunos, oferecendo oportunidades de construção do conhecimento, respeitando o ritmo de cada um, pois a aprendizagem ocorre para qualquer indivíduo.

Durante o percurso do processo de aprendizagem podem ocorrer dificuldades, pois o indivíduo pode apresentar um potencial inadequado para aquisição das habilidades propostas, então, é necessário considerar limites e possibilidades dos sujeitos atuantes neste processo, construindo a realidade, de acordo com suas opções e a criação do concreto, buscando a compreensão e o domínio das ferramentas oferecidas pelas diferentes áreas de conhecimento.

O professor deve garantir que as práticas escolares ajudem o aluno a refletir enquanto aprende e a descobrir os prazeres e ganhos que se pode experimentar quando a aprendizagem do sistema de escrita é vivenciado como um meio para, independentemente, exercer a leitura e a escrita dos cidadãos letrados, pois à medida que o professor desconhece o processo de aquisição que constitui a alfabetização e as características dos sujeitos que aprendem, o profissional torna o processo mais difícil do que deveria ser, produzindo fracasso escolar desnecessário, transformando a experiência da alfabetização em uma experiência literalmente traumática.

É preciso que todos os envolvidos com o processo de aprendizagem analisem a situação, e não somente o aluno, que é uma das parcelas de um todo do conhecimento em construção, uma vez que, às vezes, pode ser apresentar mais fácil ou mais difícil para quem ensina ou aprende. Uma área de estudo diretamente relacionada à da aprendizagem escolar tanto no que tange a seu decurso normal quanto às dificuldades que possa apresentar é a Psicopedagogia.

A atuação psicopedagógica relaciona-se, portanto, com o problema escolar e de aprendizagem, interferindo de forma individual ou grupal, conforme se apresenta o

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

problema. O processo de aquisição da linguagem precede e excede os limites escolares. Por isso, o próprio aluno é o ponto de partida de toda aprendizagem. Este vive num mundo onde a escrita é fator presente nas ruas, permitindo que já se reflita sobre o processo. Enquanto a escrita é um sistema de representação da linguagem, a leitura é a interpretação.

A escola é local de inclusão, que recebe diversos alunos, um local propício não apenas a socialização, mas como também a alfabetização, assim como em todo e qualquer processo o aprendizado também tem suas dificuldades, a escola juntamente com seu grupo de educadores precisa estar preparada para enfrentá-los. Com enfoque no processo de inclusão, a Psicopedagogia dedica-se a atender crianças, adolescentes, jovens e adultos com dificuldades de aprendizagem, voltada numa perspectiva de construção dos processos de análise, das dinâmicas familiares, escolares, institucionais e suas respectivas importâncias na formação do sujeito aprendente.

Podemos perceber que a intervenção psicopedagógica pode orientar o professor, em sala de aula, proporcionando metodologias que possam vir a estimular a leitura e a escrita, trabalhando a interpretação e a produção textual de diversos textos existentes e utilizados na sociedade, pelos alunos. De acordo com os saberes prévios revelados pelos alunos os textos deverão ser apresentados, trabalhados e criados em sala de aula.

A qualidade do trabalho psicopedagógico está associada à capacidade de percepção e promoção de avanços no desenvolvimento do aluno, ou seja, o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento trabalhando uma percepção do “erro” como um passo para o acerto, na motivação e superação de suas dificuldades. Contudo, percebemos que trabalhando na mediação do desenvolvimento das habilidades interativas e cognitivas já adquiridas pela criança ao longo de suas experiências naturais com a língua de sinais, o psicopedagogo visa compreender e intervir para amenizar os motivos que as dificuldades de aprendizagem levam os surdos a obterem resultados insuficientes ao esforço aplicado em sua busca pela aprendizagem da língua portuguesa escrita.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **O Rumo da Língua**. São Paulo: Cortez, 1988.
- BEYER, Marlei Adriana. **Psicopedagogia: Ação e Parceria**. Artigo publicado no site da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Acesso em 28/11/2016.
- BOSSA, Nadia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.
- CARNIO, M. S.; COUTO, M.I. V.; LICHTIG, I. **Linguagem e Surdez**. In: LACERDA, C. B. F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000, 44 – 55.
- CÓDIGO DE ÉTICA E ESTATUTO DA ABPp - Associação Brasileira de Psicopedagogia. Disponível em www.abpp.com.br . Acesso em: 28/11/2016.
- DIAS, A. I. **Ensino da Linguagem no Currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.
- FERNANDES, S. **É Possível Ser Surdo em Português? Língua de Sinais e Escrita: Em Busca de uma Aproximação**. In: SKLIAR, C. (Org). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos. 2v. Porto Alegre: Mediação, 1999, 59-81.
- _____ **Língua de sinais e desenvolvimento cognitivo de crianças surdas**. Espaço: Informativo técnico-ciêntífico do INES. Rio de Janeiro, Agir, 2000.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Trad. por Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médica, 1990.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. Tradução: Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Lichtenstein, Diana Myriam (trad.) Marco, Liana Di (trad.); Corso, Mário (trad.). 4. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FINI, Lucila Diehl Tolaine, **Rendimento Escolar e Psicopedagogia**. Atuação Psicopedagógica e aprendizagem escolar. Petrópolis, Rj: Vozes, 1996.
- FRANÇA, Carlos, **Um Novato na Psicopedagogia**, Atuação Psicopedagógica e aprendizagem escolar. Petrópolis, Rj: Vozes, 1996.
- Afluentes, UFMA/Campus III, v.1, n.3, p. 9-39, out./dez. 2016 ISSN 2525-3441



FONTANA, Roseli. e CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

GOLDFELD, M. **A Criança Surda: linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sociointeracionista**. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

KÉZIO, Gérison F. L. **As potencialidades/possibilidades da disciplina libras em ead: o aluno em contato com o 'mundo' gestuo-visual do surdo**. Entre fronteiras: reflexões sobre linguística e literatura. TOLOMEI Cristiane Navarrete; LIMA, Paulo da Silva (orgs.). São Luís: EDUFMA, 2016. p. 63-82

_____ WANNESKA, A. **A Psicopedagogia como Mediadora do Processo de Ensino Aprendizagem da Leitura e da Escrita do Surdo**. CENTRO VIRTUAL DE CULTURA SURDA REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA Edição Nº 16 / Setembro de 2015 – ISSN 1982-6842

_____ WANNESKA, A. **A Psicopedagogia como mediadora do processo de aquisição da Língua(gem)** Anais do 1º Colóquio Internacional de Letras/organizado por Cristiane Navarrete Tolomei et al.._Bacabal, MA: Edufma,2016. P. 140-155

PAIN, Sara. **Diagnósticos e tratamento de problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental : alfabetização e linguagem . – ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 364 p.

REILY, L. **O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.12, n.35, p.308-326, maio/ago. 2007.

REILY, L. H. **Imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos**. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs.). Cidadania, surdez e linguagem. São Paulo: Plexus. 2003.

ROSSI, T. R. de F. **Um Processo em Direção ao Bilingüismo**. In: LACERDA, C. B. F.;

SCOZ, Beatriz Judith Lima (et all). **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinarity na formação e atuação profissional**. Porto Alegre, Artes médicas, 1987.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

SOARES, Magda. **Letramento:** como definir, como avaliar, como medir. In: SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 2004.

_____. **Português:** uma proposta para o letramento. São Paulo: Moderna, 1999.

VISCA, Jorge. **Psicopedagogia novas contribuições.** Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Tradução: Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WEISS, Maria Lucia. **Psicopedagogia clínica:** uma visão diagnostica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.